View metadata, citation and similar papers at core.ac.uk
brought to you by CORE
provided by Cadernos Espinosanos (E-Journal)

DOI: 10.11606/issn.2316-7114.sig.2016.111757

A epistemologia da comunicação entre mediação e interação

The epistemology of communication between mediation and interaction

Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa[1]

[1]Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP, com pós-doutorado em Ciências da Comunicação pela ECA- USP. Professora do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (Cecult) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. E-mail: regianemo@uol.com.br

Resumo: mediação e interação reportam-se a diferentes processos que, há muito, têm sido estudados. Por meio deles, seria possível depreender duas matrizes cognitivas que fundamentariam a epistemologia da comunicação. Esse é o foco da argumentação presente no livro *Comunicação, Mediações e Interações*, de autoria de Lucrécia D'Alessio Ferrara, bem como o cerne desta resenha, que ainda aponta a maneira pela qual tais referências podem ser relacionadas ao estudo da cidade e em que medida as questões epistemológicas discutidas pela autora abarcam não apenas o campo da comunicação, mas também a produção científica na contemporaneidade.
Palavras-chave: epistemologia; mediação; interação.

Abstract: mediation and interaction refer to different processes, which have long been studied by the field of communication, through which it is possible to conclude two cognitive arrays that would constitute the foundation to the epistemology of communication. This is the focus of this argument in the book Comunicação, Mediações e Interações (Mediation and Interactions), by Lucretia D'alessio Ferrara, as well as the core of this review. It also points to the manner in which such references may be related to the study of the city and to what extent the epistemological issues discussed by the author include not just communication, but the scientific production in contemporary times.
Key words: epistemology; mediation; interaction.

Num célebre artigo intitulado "A ética da terminologia", Charles Sanders Peirce (1990) discorre sobre o processo que leva à elaboração dos conceitos e à definição de seus nomes pelo fazer científico, bem como sobre a natureza simbólica da linguagem científica. Ainda que enfatize que o símbolo é algo vivo, que se transforma lentamente com o tempo, o autor salienta a importância do fato de uma determinada comunidade científica respeitar a essência e o nome de um conceito.

Ao sugerir ideias análogas, um conceito e seu léxico tendem a situar o histórico de um sistema de pensamento, como também a especificidade da ocorrência dos fenômenos que eles permitem interpretar. Com isso, evita-se incorrer no erro de renomear aquilo que já tem nome e encobrir falsos inventos, o que oferece uma enorme contribuição para o entendimento da semiose do fazer científico, visto que todo conhecimento novo se ampara naquilo que já foi dito antes dele.

Assim, quando da necessidade de edificação de novos conceitos, eles forçosamente devem ser acompanhados por nomes distintos daqueles já existentes, que possibilitem situar a natureza diversa tanto dos fenômenos que permitem conhecer, quanto da própria interpretação sugerida pelo conceito. Segundo Peirce, tal é a ética da terminologia que deve pautar a ciência.

Essa é, igualmente, a ética que serve de substrato para as reflexões presentes no livro *Comunicação Interações Mediações*, de autoria de Lucrécia D'Alessio Ferrara. Nele, a autora mostra de que maneira os fundamentos epistemológicos da comunicação se constituíram em meio a discussões voltadas ao estudo das mediações e das interações, por mais que isso, nem sempre, se mostre com nitidez nos estudos da área.

Para tal, Ferrara retoma os principais referenciais teóricos que tiveram por base o entendimento da comunicação segundo a perspectiva dos meios técnicos para esclarecer a dimensão mediativa presente nessas abordagens, e contrapõe tais teorias às referências que situam o comunicar continuamente edificado em meio a relações eminentemente conflitivas, marcadas pela alteridade e pela interação. A esse debate, alia-se a referência à etimologia de uma palavra e outra com o propósito de indicar por que a mediação pressupõe a intermediação entre um estado e outro, ao passo que a interação se define por uma ação que envolve diferentes interatores, que podem ser tanto sujeitos como objetos.

Por meio desse percurso, Ferrara assinala por que a mediação implica, essencialmente, relações simétricas mediadas por uma comunicação eminentemente transmissiva, diferentemente da interação, que demanda intercâmbios assimétricos edificados em meio aos devires socioculturais que, continuamente, redefinem os am-

bientes comunicacionais e, por consequência, a própria cultura. São essas relações e sua recorrência que nos oferecem subsídios para aventarmos as razões pelas quais mediação e interação denominam uma série de processos que há muito se mostram presentes nos estudos do campo da comunicação, ainda que a nomenclatura utilizada seja outra.

Longe de se excluírem, mediação e interação subsistem em constante tensionamento na cultura. Logo, não se trata de entendê-las por meio de relações de oposição, mas, sim, pela fronteira semiótica continuamente edificada entre elas, pela qual se torna possível discriminar as trocas entre ambas. Tais devires nos permitem igualmente a apreender em que medida a mediação pode vir a transformar-se na interação, o que elucidaria uma propensão relativa aos processos comunicacionais, que tendem a se tornar cada vez menos controláveis e mais complexos à medida que se ampliam os meios e os ambientes comunicacionais na cultura.

No âmbito da epistemologia, mediação e interação designariam não apenas conceitos e definições, mas, sobretudo, ambientes cognitivos que indicariam distintas possibilidades de produção de conhecimento na área da comunicação. Pela mediação, seria constituída uma epistemologia calcada essencialmente na competência do sujeito cognoscente que, de posse de um método eficaz, seria capaz de construir uma explicação para um fenômeno comunicacional já previsível, visto que edificado por meio de uma relação linear e simétrica. Trata-se, assim, de uma cognição eminentemente lógica, apta a demonstrar a validade de determinados princípios. Por isso, tal epistemologia pouco ou nada acrescentaria aos estudos de comunicação, uma vez que se inclina a meramente ratificar um acordo de opiniões já consagrado.

Por outro lado, uma epistemologia alicerçada na interação abarcaria a própria indeterminação do objeto científico do campo da comunicação, que não se deixa apreender com clareza, dadas as relações sempre imprevisíveis e assimétricas que caracterizam o comunicar. Dessa forma, uma epistemologia envolta pela interação

> [...] se apresenta aberta à sua própria natureza, ou seja, é tanto mais epistemológica quanto mais se entrega à assinatura histórica das suas indeterminações e superações. Uma epistemologia nada confiável, porque sempre aberta às descobertas que a fazem renascer (desvelar-se), ante cada confronto empírico ou ante cada pergunta sugerida pelo próprio fenômeno estudado (FERRARA, 2015, p. 93).

Em correlação, para a autora, os processos de interação tendem a suscitar formas de raciocínio menos lineares, elaboradas por meio de similaridades e analo-

gias, pelas quais se torna possível levantar inferências hipotéticas com base em relações estabelecidas entre fenômenos diversos. No que concerne a esse assunto, Ferrara apoia-se o conceito desenvolvido por Paul Valéry (1998) para indicar a dimensão cognitiva da analogia, visto que, para ele, toda analogia pressupõe a capacidade de variar e combinar diferentes imagens, de forma que se perceba o que as aproxima e o que as diferencia.

Pelo raciocínio analógico, seria possível romper com qualquer tentativa de equiparação simétrica entre uma coisa e outra e, com isso, apreender as relações de alteridade que envolvem o comunicar. Trata-se, assim, de um movimento contínuo e recursivo: o ambiente edificado por meio de assimetrias é propenso a fomentar formas não assimétricas de raciocínio que se voltam para entender essa mesma ambiência.

Ainda no que tange ao modo pelo qual mediação e interação agem na cultura, Ferrara reserva um lugar de destaque para situá-las no âmbito da cidade. Com essa finalidade, menciona a distinção proposta por Milton Santos (2004) entre urbano e cidade, discussão esta que, há tempos, igualmente tem alicerçado o estudo da autora sobre a cidade. Em linhas gerais, o urbano reporta-se ao espaço racionalmente programado pelo urbanismo, ao passo que a cidade se refere aos encontros não controláveis que, inclusive, subvertem os usos e os significados previstos pelo primeiro.

Em consequência, enquanto o urbano se caracterizaria essencialmente pela mediação, a cidade envolveria as espacialidades continuamente construídas pela interação. Como urbano e cidade subsistem em constante tensionamento na cultura, a urbe constituiria um importante laboratório para apreender o vir a ser dos processos comunicacionais na cultura, bem como as diferentes matrizes cognitivas suscitadas pela mediação e pela interação, o que a torna um objeto de vital importância para o campo da comunicação.

Para além da esfera comunicacional, cumpre ressaltar que a abrangência da discussão epistemológica presente no livro alcança questões relativas ao próprio fazer científico, independentemente das especificidades de uma determinada área de conhecimento. É o que acontece com as diferenças apontadas pela autora entre fenomenologia e empiria que, não raro, são vistas como correlatas. A primeira pressupõe o vir a ser dos fenômenos que se forçam sobre nós, sobre os quais não exercemos qualquer controle. A segunda é resultado de uma construção, erigida por meio da pergunta que o sujeito cognoscente é capaz de formular, tendo em vista a mediação da dúvida.

Por sua vez, a elaboração de questionamentos exige uma competência retó-

rica específica, bem como o necessário distanciamento marcado pela assimetria entre sujeito e objeto cognoscente, visto que é por meio dessa alteridade que o primeiro se torna capaz de se estranhar diante do segundo e, com isso, colocar em dúvida crenças já consolidadas. Para a autora, somente por meio desse processo um determinado fenômeno pode vir a transformar-se num "objeto empírico" ou, ainda, num objeto de estudo. Longe de ser uma peculiaridade do campo da comunicação, essa é uma discussão que abarca boa parte das ciências que se deparam com a dimensão fenomenológica dos seus objetos de investigação. Nesse sentido, mais que um livro voltado ao debate das especificidades relacionadas à área comunicacional, trata-se de uma obra que perpassa questões que envolvem a própria produção do conhecimento na contemporaneidade.

Referências bibliográficas

FERRARA, L. *Comunicação, Mediações, Interações.* São Paulo: Paulus, 2015.

LÓTMAN, I."The notion of boundary". In. *Universe of mind: a* semiotic theory of culture. Indianápolis: Indiana University Press, 1990.

PEIRCE, C. S. "A ética da terminologia". In. *Semiótica.* São Paulo: Perspectiva, 1990.

SANTOS, M. *A natureza do espaço.* São Paulo. Edusp, 2004.

VALÉRY, P. *Introdução ao método de Leonardo Da Vinci.* São Paulo: Ed. 34, 1998.

submetido em: 03 mar. 2016 | aprovado em: 13 mai. 2016.